

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS-PORTUGUÊS**

NATÁLIA EMANUELA TEIXEIRA MARQUES

**ANÁLISE SEMIÓTICA DO CONTO “A IMITAÇÃO DA ROSA”, DE CLARICE
LISPECTOR: MODOS DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA**

**PARNAÍBA
2025**

NATÁLIA EMANUELA TEIXEIRA MARQUES

**ANÁLISE SEMIÓTICA DO CONTO “A IMITAÇÃO DA ROSA”, DE CLARICE
LISPECTOR: MODOS DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA**

Trabalho de conclusão de curso
(monografia) apresentado como requisito
necessário à Universidade Estadual do
Piauí para a obtenção do título de
Licenciada em Letras-português.

Orientadora: Profa. Dra. Shenna Luíssa
Motta Rocha

PARNAÍBA
2025

M357a Marques, Natalia Emanuela Teixeira.

Análise semiótica do conto "A Imitação da Rosa", de Clarice Lispector: modos de construção da identidade feminina / Natalia Emanuela Teixeira Marques. - 2025.

52 f.: il.

Monografia (graduação) - Universidade Estadual do Piauí-UESPI, Licenciatura em Letras Português, Campus Prof. Alexandre Alves de Oliveira, Parnaíba-PI, 2025.

"Orientadora: Profa. Dra Shenna Luíssa Motta Rocha".

1. Identidade feminina. 2. Semiótica discursiva. 3. Liberdade. 4. Opressão. I. Rocha, Shenna Luíssa Motta . II. Título.

CDD 801.95

NATÁLIA EMANUELA TEIXEIRA MARQUES

**ANÁLISE SEMIÓTICA DO CONTO “A IMITAÇÃO DA ROSA”, DE CLARICE
LISPECTOR: MODOS DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA**

Trabalho de conclusão de curso (monografia) apresentado como requisito necessário à Universidade Estadual do Piauí para obtenção do título de Licenciada em Letras-português.

Orientadora: Profa. Dra. Shenna Luíssa Motta Rocha

Monografia aprovada em 13/06/2025

COMISSÃO EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Shenna Luíssa Motta Rocha

1º Examinador(a): Prof(a). Me. Wagner dos Santos Rocha

2º Examinador(a): Prof(a). Esp. Iramí Soares Mineiro

Dedico este trabalho à minha filha Maitê,
minha maior inspiração e razão pela qual
sigo firme nesta caminhada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, fonte de toda sabedoria e força, que me sustentou em todos os momentos. Sem Sua presença, nada disso teria sido possível.

À minha mãe, Regiane, mulher da minha vida, por estar presente do amanhecer ao anoitecer comigo e com Maitê, permitindo que eu me dedicasse aos estudos com tranquilidade e persistência. Eu te amo, mãe!

Ao meu pai, Roberto, que, com suas palavras sábias — “o futuro são os estudos, Manu” —, me motivou a seguir firme em busca dos meus sonhos.

Aos meus irmãos — Karen, Daniel, Júnior e Maria Júlia — por todo amor, incentivo e presença constante.

Ao meu esposo Ítalo, companheiro desde o ensino médio, com quem compartilhei estudos, sonhos e desafios. Sua parceria foi essencial nessa conquista.

Em especial, à minha filha Maitê, que nasceu em meio ao curso de Letras, em 2023, trazendo um novo sentido para a minha vida. Você é minha luz, força e maior motivação.

Aos professores da educação básica e à equipe do Colégio Visão, minha eterna gratidão por plantarem em mim a semente do conhecimento.

À minha sogra, Vaneska, pelo apoio nas tardes com Maitê; e à tia Sara, pelo carinho e cuidado nas manhãs, que possibilitaram que eu estudasse e estagiasse com mais tranquilidade.

Aos amigos de sala, obrigada por cada momento, parceria e carinho — o chá de bebê que organizaram para a Maitê ficará para sempre em meu coração.

À minha orientadora de TCC e PIBIC, Shenna Luíssa, que foi mais do que uma guia acadêmica — uma verdadeira mãe nesta jornada. É uma honra aprender com a rainha da Semiótica Discursiva. Você é incrível!

À professora Rita por sua humanidade e por apresentar com maestria a Análise do Discurso, jamais esquecerei de Maingueneau e Charaudeau.

À professora Irami, que ensina literatura com amor e dedicação, com certeza é dona de mais de 1000 livros em sua biblioteca.

Ao professor Wagner por descomplicar o Latim, ser acessível mesmo no caos dos estágios e PPL-I, obrigada também pela valiosa oportunidade docente.

Ao professor Jailson pelos ensinamentos do mundo da escrita e carinho!

Ainda bem que sempre existe outro dia. E outros sonhos. E outros risos. E outras pessoas. E outras coisas.

Clarice Lispector

RESUMO

A presente monografia analisa a construção da identidade feminina no conto “A Imitação da Rosa”, de Clarice Lispector, publicado em 1960 na coletânea *Laços de Família*. A partir de uma abordagem semiótica, o estudo busca compreender a trajetória da protagonista, Laura, marcada por conflitos entre opressão e liberdade, com destaque para os valores eufóricos e disfóricos que manifestam sua jornada de autoconhecimento. O trabalho também examina como os discursos sociais, familiares e religiosos contribuem para a constituição da identidade da personagem, além de investigar a intertextualidade com a obra *A Imitação de Cristo*, de Tomás de Kempis, cuja influência se reflete nas escolhas e atitudes de Laura. Outrossim, a pesquisa é complementada por uma revisão bibliográfica de caráter descritivo, que fundamenta a análise teórica, com ênfase nos estudos de Barros (2005); Fiorin (1996, 1998, 2007, 2008, 2018); Floch (2001); Greimas (1975). Esses autores integram o arcabouço teórico essencial para a compreensão do percurso semionarrativo e das dinâmicas ideológicas presentes na narrativa. Em síntese, a pesquisa contribui para o aprofundamento dos estudos literários e semióticos ao analisar como Lispector constrói uma narrativa complexa sobre a identidade feminina e as tensões sociais e religiosas que permeiam o sujeito e influenciam profundamente sua constituição identitária.

Palavras-chave: Identidade Feminina; Semiótica Discursiva; Liberdade; Opressão.

ABSTRACT

This monograph analyzes the construction of female identity in short story The “A Imitação da Rosa” by Clarice Lispector, which came out in 1960 in *Laços de Família*, builds the idea of what a woman is. Adopting a discursive semiotic approach, the study seeks to understand the protagonist Laura’s journey, marked by tensions between oppression and freedom. It pays close mind to the high and low feelings that show her finding herself. The work also digs into how talks in society, family, and faith shape who she becomes, while also tying in with *The Imitation of Christ* by Thomas à Kempis, which affects what Laura does and how she acts. Moreover, this work uses a deep written review to back its theory talk, with a focus on the writings of Barros (2005), Fiorin (1996, 1998, 2007, 2008, 2018), Floch (2001), and Greimas (1975). These authors give key theory base needed to get the story path and the idea shifts seen in the story. In short, this study helps move both lit and sign study forward by looking at how Lispector forms a rich story on a woman’s self and the social and faith fights that go deep into and shape her self.

Key words: Female Identity; Discursive Semiotics; Freedom; Opression.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Valores de Dominação e Liberdade	34
Quadro 2: - Quadrado semiótico- Laura, Armando e Carlota.....	35
Quadro 3: - Quadrado semiótico- Laura- Sujeito.....	43

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Temas e figuras circunscritos no texto 47

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 CLARICE LISPECTOR: TRAJETÓRIA LITERÁRIA COM FOCO NO	
CONTO “A IMITAÇÃO DA ROSA”	15
1.1 A AUTORA	15
1.2 O CONTO.....	17
2 INTRODUÇÃO À TEORIA SEMIÓTICA	22
2.1 FUNDAMENTOS DA SEMIÓTICA DISCURSIVA.....	22
2.2 O PERCURSO GERATIVO DE SIGNIFICAÇÃO	26
2.3 MODALIZAÇÕES E CONSTRUÇÃO DO SUJEITO.....	27
3 PERCURSO SEMIONARRATIVO: ENTRE LIBERDADE E	
OPRESSÃO	30
4 O DISCURSO RELIGIOSO NA NARRATIVA “A IMITAÇÃO DA	
ROSA”	39
4.1 A <i>IMITAÇÃO DE CRISTO</i> E A PERDA DO “EU”	43
4.2 LAURA E CARLOTA: O IDEAL DE PERFEIÇÃO	46
5 CONCLUSÃO	49
REFERÊNCIAS	51

INTRODUÇÃO

Esta monografia apresenta uma análise semiótica do conto “A Imitação da Rosa”, presente na coletânea *Laços de Família*, de Clarice Lispector, publicada em 1960. A autora, reconhecida como uma das figuras mais importantes da literatura brasileira, construiu uma obra literária de grande profundidade e riqueza estética, marcada pela exploração de temas existenciais, psicológicos e sociais.

Nesse contexto, a escrita de Lispector não se apresenta de forma simples ou linear, mas, ao contrário, ela desafia o leitor a mergulhar em camadas de complexidade emocional e filosófica, visto que sua prosa se caracteriza por um fluxo de consciência que desconstrói as convenções literárias e transforma o texto em uma experiência sensorial única.

Sendo assim, a leitura de contos como “A Imitação da Rosa” requer uma abordagem que ultrapassa o simples entendimento e demanda uma imersão na constituição dos sujeitos da obra, em seus conflitos internos e na busca constante pelos significados apresentados no texto. Essa peculiaridade da escrita clariciana é abordada por Luciana Picchio, ao afirmar que:

A leitura de Clarice é difícil e trabalhosa. Exige do leitor a mesma atenção concentrada e tensa, mas também o mesmo intenso abandono que se intui presente no ato da escrita. Se Clarice escreve com o corpo, o seu leitor não pode lhe conceder apenas a fria racionalidade de seu intelecto. Deve deixar-se invadir, aceitar a agressão (Picchio, 1989, p.18).

Em virtude disso, o conto em questão concentra-se nas dinâmicas de opressão, liberdade e autoconhecimento vivenciadas pela protagonista, Laura, que retorna ao seu lar após um período de internação em um hospital psiquiátrico, embora essa situação não seja explicitada de forma direta, sendo sutilmente sugerida por alusões, como um afastamento ou um retiro.

Para Laura, a perfeição, a liberdade e a beleza se manifestam por meio da anulação completa de si mesma, conduzindo-a a um estado de afastamento absoluto do mundo e das pessoas — condição que, contraditoriamente, a faz sentir- se em essência consigo mesma: “super-humana e tranquila no seu isolamento brilhante”, (Lispector, 1988, p.20).

Dessa forma, apesar de Laura ter passado por um tratamento relacionado à sua saúde mental, as marcas desse período continuam a refletir em sua vida presente. Essas cicatrizes são indicadas tanto pela forma como ela rememora seu passado quanto pelas palavras de seu marido a respeito daquele tempo. Além desses conflitos gerados por sua própria personalidade, Laura enfrenta também o sofrimento decorrente da ausência de filhos: “Por acaso alguém veria, naquela mínima ponta de surpresa que havia no fundo de seus olhos, alguém veria nesse mínimo ponto ofendido a falta dos filhos que ela nunca tivera? (Lispector, 1988, p.19).

Ao longo da narrativa, observa-se que a autora constrói uma trama densa, na qual a personagem principal, imersa em um ambiente patriarcal e de rígidas normas sociais, tenta encontrar uma maneira de se libertar dos estigmas que a aprisionam. Sendo possível visualizar como os discursos, tanto explícitos quanto implícitos, presentes na obra, contribuem para o percurso de Laura, evidenciando a luta interna do sujeito pela autonomia e pela construção de sua identidade.

O conto também apresenta uma intertextualidade significativa com *A Imitação de Cristo*, de Tomás de Kempis, obra religiosa que discute os princípios cristãos de sacrifício, pureza e renúncia. Este aspecto intertextual proporciona uma camada adicional de complexidade à narrativa, uma vez que os valores e as ideologias presentes na obra religiosa permeiam a construção da personagem Laura, influenciando suas escolhas e atitudes.

Ademais, a relação da personagem com os valores espirituais — expressa por meio de sua própria “imitação da rosa”, que deixa de ser um simples objeto ofertado ou recebido para assumir um papel simbólico mais profundo, tornando-se signo de pureza, renúncia e de uma forma idealizada de existência e sensibilidade — constitui um elemento central para compreender a tensão entre a liberdade almejada e os limites impostos tanto pela sociedade quanto pela moral religiosa.

Nesse sentido, a escolha dessa narrativa literária se justifica pela densidade simbólica e pelos dilemas existenciais que Clarice Lispector aborda ao tratar de questões relevantes ligadas à subjetividade, às pressões sociais e à construção da identidade.

Sendo assim, esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa e analítica, fundamentada na Semiótica Discursiva, com ênfase nos conceitos propostos por Barros (2005); Fiorin (1996, 1998, 2007, 2008, 2018); Floch (2001) e Greimas

(1975). Assim, por meio dessa perspectiva teórica — desenvolvida por Algirdas Julien Greimas — será possível compreender como a narrativa constrói o sujeito em relação às normas sociais e aos valores religiosos, e como esses elementos se entrelaçam na formação de um discurso complexo sobre opressão e busca por autonomia.

Tal abordagem possibilita uma análise aprofundada da obra e contribui para o enriquecimento dos estudos literários e semióticos, ao ampliar a compreensão das questões intrínsecas abordadas na narrativa, por tratar-se, ainda, de uma pesquisa descritiva e analítica, de cunho bibliográfico, que foca nos aspectos discursivos do texto. Conforme afirma Severino (2013, p. 129), “Explicar é tornar evidente o que estava implícito, obscuro ou complexo; é descrever, classificar e definir.” Diante disso, essa abordagem possibilita uma investigação mais aprofundada das complexidades presentes no conto, assim como uma compreensão mais ampla dos temas centrais explorados pela autora.

Além disso, ao examinar os recursos retóricos utilizados para a produção de determinados efeitos de sentido, esta investigação oferece contribuições relevantes sobre como temas e figuras colaboram para a construção de significados e para a representação dos dilemas da condição humana presentes na narrativa. A escolha pela abordagem discursiva justifica-se, então, pela necessidade de explorar as experiências do sujeito e examinar, de forma discursiva, como ela lida com questões relacionadas à identidade e à construção do eu diante da opressão imposta, que limita sua autonomia.

Sinteticamente, compreende-se a relevância da pesquisa sobre a autoimagem e a construção do eu no conto “A Imitação da Rosa”, pois, de acordo com Kempis (2014, p. 25), “Muitos, porém, estudam mais para saber, que para bem viver; por isso erram a miúdo e pouco ou nenhum fruto colhem”. Logo, inserir-se nessa temática proporciona a oportunidade de investigar as relações implícitas presentes no conto, que influenciam não apenas o meio externo, mas também o meio interno — o que contribui para um entendimento mais eficaz dos aspectos discursivos que revelam valores ideológicos.

Ao analisar como os discursos de poder e as influências religiosas contribuem para a constituição da personagem Laura, a pesquisa propõe uma leitura semiótica que articula a construção identitária aos valores sociais e religiosos presentes na narrativa. A investigação da construção semiótica dos principais atores

— com destaque para Laura — e de suas interações com figuras como o marido e Carlota, bem como a análise dos valores eufóricos e disfóricos que permeiam o percurso semionarrativo da protagonista e influenciam suas decisões, configuram-se aspectos fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.

Com essa finalidade, conforme Gil (2002, p. 19), “Como toda atividade racional e sistemática, a pesquisa exige que as ações desenvolvidas ao longo de seu processo sejam efetivamente planejadas”, o que justifica a estrutura metódica adotada para alcançar os objetivos propostos, em razão disso, a estrutura do trabalho contempla uma contextualização da trajetória literária de Clarice Lispector, com ênfase na posição do conto “A Imitação da Rosa” dentro de sua produção.

Posteriormente, são apresentados os fundamentos teóricos da Semiótica Discursiva, com destaque para conceitos como texto como objeto de sentido, enunciação e percurso gerativo, os quais embasam a análise proposta. Na sequência, desenvolve-se a leitura semiótica da narrativa, considerando as relações de poder entre os personagens e os valores que orientam o percurso da protagonista.

Em conclusão, investiga-se o discurso religioso presente na obra, a partir da intertextualidade com *A Imitação de Cristo*, ressaltando o impacto desses elementos na construção subjetiva de Laura e nos limites sociais e religiosos impostos à sua liberdade desejada.

1 CLARICE LISPECTOR: TRAJETÓRIA LITERÁRIA COM FOCO NO CONTO “A IMITAÇÃO DA ROSA”

Este capítulo tem como propósito apresentar a escritora Clarice Lispector, com destaque para aspectos significativos de sua biografia e trajetória literária. Em seguida, será realizada uma breve contextualização da obra *Laços de Família*, com ênfase no conto “A Imitação da Rosa”, que constitui o *corpus* de análise deste trabalho.

1.1 A AUTORA

Clarice Lispector (1920-1977) foi um dos nomes mais renomados da Literatura Brasileira do século XX. Nasceu na aldeia de Tchetchelnik, na Ucrânia, em dezembro de 1920. Entretanto, imigrou para o Brasil aos dois anos, com seus pais Pinkouss e Mania Lispector, casal de origem judaica que fugia da Guerra Civil Russa e da perseguição antisemita frequente na Europa. No Brasil, fixaram residência, inicialmente, em Maceió, no Nordeste. Por decisão de seu pai, a família modificou os nomes: Haya Pinkhasovna Lispector passou então a se chamar Clarice.

Nesse contexto, após se estabelecer no Brasil, Lispector revelou-se não apenas como uma escritora de destaque, mas também como uma voz singular na literatura mundial. Sua prosa revolucionária é reconhecida pela sua alta carga poética e pela profundidade de suas reflexões acerca da natureza humana, conforme Cristina Moreira Marcos explicita:

Clarice Lispector vai na contramão do que seria uma estratégia autobiográfica. Entretanto ela não consegue apagar a presença de sua pessoa na obra. Há aí um esforço em se aproximar do impessoal - « eu escrevo para me livrar de mim mesma », diz Clarice. Trata-se menos de uma construção de uma identidade do que um esforço para se livrar do eu (Marcos, 2015, p.94).

Desde muito nova, aprendeu a ler e escrever e logo começou a produzir pequenos contos. Estudou no Grupo Escolar João Barbalho, no qual cursou o

ensino primário, além de ter aprendido inglês e francês, enquanto crescia ouvindo o *iídiche* — idioma falado por seus pais.

Posteriormente, ingressou no Ginásio Pernambucano, considerado o melhor colégio público da cidade. Sendo assim, aos 12 anos, mudou-se com a família para o Rio de Janeiro, estabelecendo-se no bairro da Tijuca. Local em que concluiu o curso ginásial no Colégio Sílvio Leite e tornou-se frequentadora assídua da biblioteca comunitária.

Em 1941, ingressou na Faculdade Nacional de Direito e, nesse mesmo período, começou a trabalhar como redatora na Agência Nacional, além de atuar no jornal *A Noite*. Em 1943, casou-se com o colega de turma Maury Gurgel Valente, assim, no ano seguinte, concluiu o curso de Direito. Entretanto, o grau de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais só foi oficialmente conferido em 1952.

Seu primeiro livro foi *Perto do Coração Selvagem*, no qual é retratada uma perspectiva do universo adolescente. Com efeito, inaugurou uma nova tendência na literatura brasileira e recebeu o Prêmio Graça Aranha¹. Líspector integrou a Terceira Geração Modernista, também conhecida como Geração de 45, e é considerada uma das mais importantes escritoras da literatura do Brasil.

Suas obras se destacam por possuírem uma linguagem inovadora voltada à expressão das emoções e da interioridade humana, com uso de técnicas como: o monólogo interior e a análise psicológica. Ainda que frequentemente classificada como uma autora intimista, sua produção abrange não só temas sociais, mas também filosóficos e existenciais, que transcendem estruturas narrativas tradicionais e focam em personagens — geralmente femininas — inseridas em contextos urbanos e situações-limite.

Apesar de recusar o rótulo de feminista, Clarice construiu protagonistas marcantes como Joana (*Perto do Coração Selvagem*), Virgínia (*O Lustre*), Lucrécia Neves (*A Cidade Sitiada*) e Macabéa (*A Hora da Estrela*). Ela viveu fora do Brasil por quase duas décadas, período em que escreveu numerosas cartas que revelaram sua visão cosmopolita, frustrações e reflexões acerca da condição humana. Essas

¹ Graça Aranha é considerado um dos chefes do movimento renovador de nossa literatura, fato que vai acentuar-se com a conferência “O Espírito Moderno”, lida na Academia Brasileira de Letras, em 19 de junho de 1924, na qual o orador declarou: “A fundação da Academia foi um equívoco e foi um erro”. – esta informação foi retirada de onde? ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Graça Aranha. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/graca-aranha/biografia>. Acesso em: 28 abr. 2025.

correspondências foram reunidas em obras como: *Todas as Cartas* (2020) e *Cartas Perto do Coração* (2001).

Clarice faleceu em 1977, no Rio de Janeiro, vítima de câncer de ovário, um dia antes de completar 57 anos. Após esse breve escorço biográfico, procede-se à apresentação do conto objeto de análise.

1.2 O CONTO

“A imitação da Rosa” é um dos contos mais célebres e representativos da produção literária de Lispector, contido no volume *Laços de Família* — um livro de contos — publicado no ano de 1960, assim, para Júlio Cortázar (1993, p.151): “Um conto é significativo quando quebra seus próprios limites com uma explosão de energia espiritual que ilumina bruscamente algo que vai muito além da pequena e às vezes miserável história que conta.”

Ademais, de acordo com o escritor Benjamin Moser (2017, p. 554) “A obra *Laços de Família* foi responsável por consolidar a reputação de Clarice no Brasil, tornando-a mais próxima do público.” Isso devido à sua acessibilidade e à abordagem voltada para temas cotidianos, antes pouco explorados por outros escritores.

Em uma primeira instância, o conto aborda a história de vida da protagonista Laura, uma mulher simples e dona de casa, que depois de passar por um período de internação psiquiátrica, retorna ao seu lar, com o anseio de reconstruir sua vida. Todavia, carrega uma sensação de integração extremamente frágil, relacionada à dependência de validações externas, com o fito de sustentar sua identidade, que conforme Hall (2000, p.108), está sujeita a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação.

Assim, percebe-se que a narrativa aborda a realidade de uma mulher que, apesar de ter passado por cuidados voltados para a saúde mental, ainda carrega cicatrizes que impactam sua vida presente, comprometem sua estabilidade emocional e dificultam sua adaptação às exigências do meio social que está inserida, pois, nas palavras de Mary Del Priore:

O indivíduo não existe só. Ele só existe “numa rede de relações sociais diversificadas”. Na vida de um indivíduo, convergem fatos e

forças sociais, assim como o indivíduo, suas ideias, representações e imaginário convergem para o contexto social ao qual ele pertence (Del Priore, 2009, p. 10).

Constata-se que em diversos momentos, há o esforço da protagonista para controlar seus comportamentos e pensamentos, como uma tentativa incessante de provar que havia superado sua crise. Contudo, fica claro que o sofrimento psíquico persiste, infiltrando-se em suas relações cotidianas e revelando, desde o início, que o controle que tenta exercer sobre si mesma é apenas um disfarce para a instabilidade emocional que ainda a consome, uma vez que, para Lúcia Helena:

As mulheres de *Laços de Família* [...] são incapazes de gerar a sua própria autonomia. Tal estirpe de mulheres encontra na Laura de 'A Imitação da Rosa' um tipo exemplar, no qual se pode ver o conjunto de nuances através das quais Lispector simultaneamente redime e faz falir a vivência dessas mulheres' em seu debater-se numa espécie de prisão domiciliar e emocional. Fiel à ambiguidade que percorre a obra, por um lado, Laura é a imagem em espelho de uma sociedade patriarcal, pois todos os seus atos são um reflexo da tentativa de não se contrapor a Armando, o marido e, subservientemente, respeitar as convenções patriarcais instituídas pelo casamento, pela educação e pela religião católica. Por outro lado, durante todo o tempo em que ela faz este movimento de aceitação e passividade, desenvolve-se no texto o movimento contrário (Helena, 1997, p. 45).

Em vista disso, mais do que um simples passatempo, cuidar da casa representa para Laura um gosto pessoal enraizado em sua educação. Criada para desempenhar esse papel, ela encontra no cuidado com o lar não só prazer, mas também uma forma de afirmar sua identidade e seu lugar no mundo.

Cuidar da casa e mantê-la organizada reflete, assim, o seu próprio eu — como se, ao organizar tudo do lado de fora, ela conseguisse manter em ordem o que se passa dentro de si. Esse comportamento evidencia não apenas uma clausura física no espaço doméstico, mas também um confinamento de natureza emocional que a persegue:

[...] Com seu gosto minucioso pelo método – o mesmo que a fazia quando aluna, copiar com letra perfeita os pontos da aula sem compreendê-los – com seu gosto pelo método, agora reassumido, planejava arrumar a casa antes que a empregada saísse de folga para que, uma vez Maria na rua, ela não precisasse fazer mais nada (Lispector, 1988, p.19).

Paralelo a isso, este excerto reflete a obsessão da personagem pelo método como uma tentativa de manter controle sobre seu ambiente e, por conseguinte, suas emoções: “Oh como era bom estar de novo cansada” (Lispector, 1988, p.20). Dessa maneira, Laura vê o cansaço como sinal de dever cumprido ou até como uma forma de recompensa. Essa e outras descrições presentes no conto revelam um modelo feminino tradicional, limitado ao ambiente e às tarefas do lar:

[...] Oh como era bom estar de volta, realmente de volta, sorriu ela satisfeita. Segurando o copo quase vazio, fechou os olhos com um suspiro de cansaço bom. Passara a ferro as camisas de Armando, fizera listas metódicas para o dia seguinte, calculara minuciosamente o que gastara de manhã na feira, não parara na verdade um instante sequer (Lispector, 1988, p.20).

Desde a juventude, nota-se, também que ela se dedicava a copiar mecanicamente os conteúdos das aulas. Já na vida adulta, a organização meticulosa da casa, planejada para ocorrer antes da folga da empregada, demonstra também uma estratégia de controle para evitar esse vazio emocional e a insegurança. Ambas atitudes, portanto, se tornam, para ela, uma necessidade cotidiana, assim, afirma Maiara Cristina Segato (2012, p.9): “Como forma de satisfação, ela recusa-se a ser o que realmente é para agradar o esposo Armando e aos valores daquela sociedade e faz um extremo esforço de se convencer de que está bem.”

Em comparação a isso, devido aos eventos passados, sugeridos implicitamente no conto, Laura também passou a seguir certos “rituais” prescritos como parte de seu tratamento médico. Embora sem entender completamente a lógica por trás dessas práticas, ela as cumpria rigorosamente. Por exemplo, deveria tomar um copo de leite entre as refeições, mesmo quando não sentia fome, para evitar ficar com o estômago vazio e ansiosa, assim, ela seguia essas recomendações à risca e sem questionar, tendo em vista que Diego Diniz assegura:

Nesta altura do conto, já se percebe que tomar o leite assumira a função de um ritual de fé, símbolo de seu esforço em manter-se “bem”. Tanto que ela atende à recomendação médica “com um ligeiro ardor para que não pudesse enxergar em si a menor incredulidade” (Diniz, 2013, p.11).

É evidenciada, assim, a contradição da personagem diante das orientações do médico, que a instrui a seguir uma ordem precisa, mas também abandonar o esforço, de modo a permitir que as coisas aconteçam naturalmente. Laura obedece rigidamente, sem questionamentos, para evitar qualquer dúvida quanto ao seu bem-estar, mas, ao mesmo tempo, é levada a não forçar sua recuperação.

Consequentemente, essa tensão interna entre controle e entrega reflete a dificuldade emocional da personagem em conciliar o seu demasiado esforço, a aceitação e o desapego:

[...] Ela tomava sem discutir gole por gole, dia após dia, não falhara nunca, obedecendo de olhos fechados, com um ligeiro ardor para que não pudesse enxergar em si a menor incredulidade. O embarracante é que o médico parecia contradizer-se quando, ao mesmo tempo que recomendava uma ordem precisa que ela queria seguir com o zelo de uma convertida, dissera também: “Abandone- se, tente tudo suavemente, não se esforce por conseguir – esqueça completamente o que aconteceu e tudo voltará com naturalidade” (Lispector, 1988, p.20).

Além disso, visitar sua amiga de infância chamada Carlota, também era um dos seus passatempos. Esta era uma mulher com características totalmente distintas das de Laura, seja na forma de agir, seja na forma de pensar ou comportar- se em plenos anos 60, época em que a mulher teria que seguir diversos padrões impostos a elas, desde então “normalizados” por grande parte da população, caso contrário, seriam desprezadas e mal-vistas dentro do meio onde se encontravam.

Alguns desses padrões reforçavam a supremacia da figura masculina, pois conforme Andressa Serena de Oliveira:

Há uma série de nuances entre as décadas de 1950, 1960 e 1970 quando o assunto é a mulher e seu papel social. No período que se estende pela década de 1950, ainda temos uma sociedade que acredita na existência da mulher prioritariamente como objeto de satisfação do homem (Oliveira, 2014 p.1).

É notória a trajetória emocional de uma mulher que, além de submissa à autoridade do marido, também aceitava a indiferença e o desprezo da amiga Carlota. A relação, antes marcada por curiosidade afetiva, retorna à rudeza habitual. Nessa instância, ao mesmo tempo, a personagem testemunha Armando, que

poderia ser uma fonte de atenção ou afeto, completamente esquecido de sua presença.

Diante dessa dupla rejeição — pela amiga e pelo marido — ela passa a reconhecer e questionar a sua própria insignificância: “Há quanto tempo não via Armando enfim se recostar com intimidade e conversar com um homem? A paz de um homem era, esquecido de sua mulher, conversar com outro homem sobre o que saía nos jornais.” (Lispector, 1998, p.19).

À vista disso, quando Laura e Armando se reuniam com seus amigos, as conversas entre homens e mulheres tratavam de assuntos distintos:

[...] Enquanto isso ela falaria com Carlota sobre coisas de mulheres, submissa à bondade autoritária e prática de Carlota, recebendo enfim de novo a desatenção e o vago desprezo da amiga, a sua rudeza natural, e não mais aquele carinho perplexo e cheio de curiosidade — e vendo enfim Armando esquecido da própria mulher. E ela mesma, enfim, voltando à insignificância com reconhecimento” (Lispector, 1988, p.19).

Outrossim, o conto, em sua essência, trata de temas como a identidade, a solidão, a submissão emocional, a vida de casados e a expectativa pela maternidade, além da complexidade da construção do eu em um contexto de relacionamentos interpessoais. Sendo assim, Laura não é confrontada apenas com as expectativas externas, mas também com suas próprias dúvidas e inseguranças sobre quem ela é e o que quer ser, como observável neste fragmento:

Laura olhou-se ao espelho: e ela mesma, há quanto tempo? Seu rosto tinha uma graça doméstica, os cabelos eram presos com grampos atrás das orelhas grandes e pálidas. Os olhos marrons, os cabelos marrons, a pele morena e suave, tudo dava a seu rosto já não muito moço um ar modesto de mulher. (Lispector, 1998. p.19).

A partir disso, Laura, ao se olhar no espelho, reflete sobre sua aparência e sobre o impacto do tempo em sua identidade. Ademais, sua beleza é apresentada como doméstica e simples, marcada por características como: os cabelos presos de forma prática e os traços discretos, que a identificam como uma mulher comum, distante dos padrões de beleza convencionais.

Nesse sentido, a descrição de um "ar modesto de mulher" indica que, com o passar do tempo, ela abandona o ideal de juventude e beleza, que para Rachel

Moreno (2008, p.31) “A beleza deve ser individualizada, refletir o bem-estar interior e a personalidade.” Assim sendo, ela passa a aceitar a sua maturidade, mesmo que ainda de maneira reflexiva.

Em suma, esse conflito reflete uma luta comum vivenciada por diversas mulheres no meio hodierno, que são constantemente confrontadas com padrões irreais, não apenas de beleza, mas, sobretudo de comportamento, impostos pelo âmbito social, incluindo suas várias esferas: o casamento, a igreja e a mídia.

2 INTRODUÇÃO À TEORIA SEMIÓTICA

Neste capítulo, serão apresentados os conceitos centrais da Semiótica Discursiva, desenvolvida por Greimas e pelo Grupo de Investigações Sêmio-Linguísticas, além de suas bases teóricas, as distinções em relação a outras correntes semióticas e a importância do texto como principal objeto de estudo. Ademais, serão discutidos temas como o percurso gerativo de significação, a enunciação, as modalizações e os mecanismos de produção de sentido, com o fito de fortalecer a interpretação do conto “A Imitação da Rosa”, de Clarice Lispector, à luz desta teoria.

2.1 FUNDAMENTOS DA SEMIÓTICA DISCURSIVA

A Semiótica Discursiva é a ciência postulada pelo linguista de origem lituana, Algirdas Julian Greimas, seu campo de estudo investiga a significação dos textos e como os discursos emergem deles, além de contribuir para a criação e compreensão de textos verbais, visuais, corporais e aqueles que integram diferentes formas de linguagem, como os textos sincréticos, assim, nas palavras de Diana Luz Pessoa de Barros:

Por teoria semiótica está-se entendendo a teoria desenvolvida por A. J. Greimas e pelo Grupo de Investigações Sêmio-lingüísticas da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais. Existem outras teorias semióticas, também bastante conhecidas, como a de Charles Peirce e a da Escola de Tartu. Por razões diversas, entre as quais a de exigüidade de espaço e a de tipo de publicação, não se farão comparações entre as diferentes propostas e, muito menos, apreciações do mérito e das vantagens indiscutíveis de cada uma delas (Barros, 2005, p.10).

Diante disso, “A semiótica insere-se, portanto, no quadro das teorias que se (pre)ocupam com o texto” (Barros, 2005, p.10). Nesse contexto, faz-se pertinente a análise do conto de Clarice Lispector, pois ele oferece uma perspectiva atual, mediante a observância dos discursos inscritos no texto, sobre a construção e a manutenção de um padrão de comportamento e de controle de corpos femininos.

Para embasar essa análise, adota-se a perspectiva proposta pela semiótica discursiva, segundo a qual:

[...] Tem por objeto o texto, ou melhor, procura descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz. É necessário, portanto, para que se possa caracterizar, mesmo que grosseiramente, uma teoria semiótica, determinar, em primeiro lugar, o que é o texto, seu objeto de estudo (Barros, 2005, p.11).

Dessa forma, a semiótica tem como foco principal o estudo do texto, porque busca compreender não apenas o conteúdo transmitido, mas também os mecanismos utilizados para o construir e comunicá-lo. Isso significa que a semiótica investiga tanto o que é dito quanto como é dito, ou seja, as estruturas e estratégias que sustentam a produção de sentido.

Para isso, é fundamental, antes de qualquer análise, definir o que se entende por texto, já que ele é o objeto central da investigação semiótica e pode se manifestar de diversas formas, como discursos escritos, visuais ou sonoros, dessa maneira:

Um texto define-se de duas formas que se complementam: pela organização ou estruturação que faz dele um “todo de sentido”, como objeto da comunicação que se estabelece entre um destinador e um destinatário. A primeira concepção de texto, entendido como objeto de significação, faz que seu estudo se confunda com o exame dos procedimentos e mecanismos que o estruturam, que o tecem como um “todo de sentido” (Barros, 2005, p.11).

Compreende-se, então, que um texto pode ser definido de duas formas complementares: como um todo de sentido, que se refere à sua estrutura interna organizada e coerente, e como um objeto de comunicação entre um destinador e um destinatário. Essas duas dimensões se entrelaçam, pois, ao estudar um texto, é necessário compreender tanto os mecanismos linguísticos e estruturais que o

constituem — como a coesão, a progressão temática e a construção do sentido — quanto a intenção comunicativa por trás dele, de acordo com Greimas:

É extremamente difícil falar do sentido e dizer alguma coisa significativa. Para fazê-lo convenientemente, o único meio seria construir-se uma linguagem que não significasse nada: estabelecer-se-ia assim uma distância objetivante que permitiria construir discursos desprovidos de sentido sobre discursos significativos (Greimas, 1975, p.7).

Assim, o texto é ao mesmo tempo uma construção e um ato de interação, sendo essa dupla natureza essencial para seu entendimento, dessa forma, Barros aborda a segunda característica de texto:

A segunda caracterização de texto não mais o toma como objeto de significação, mas como objeto de comunicação entre dois sujeitos. Assim concebido, o texto encontra seu lugar entre os objetos culturais, inserido numa sociedade (de classes) e determinado por formações ideológicas específicas. Nesse caso, o texto precisa ser examinado em relação ao contexto sócio-histórico que o envolve e que, em última instância, lhe atribui sentido. Teorias diversas têm também procurado examinar o texto desse ponto de vista, cumprindo o que se costuma denominar análise externa do texto (Barros, 2005, p.12).

Essa afirmação reflete a proposta da semiótica de ir além da simples análise do conteúdo de um texto, buscando entender como ele constrói seus significados. Pois, ao invés de se limitar à literalidade das palavras ou imagens, ela analisa como esses elementos são organizados e como contribuem para a produção de sentidos, a considerar contextos culturais e históricos.

A semiótica oferece também uma compreensão mais ampla da comunicação, ao considerar não apenas a forma e o conteúdo do texto, mas também os mecanismos de enunciação e o papel do enunciador na construção de sentidos, bem como a maneira como o leitor ou espectador interpreta essas informações, nesse sentido, Barros aponta:

A enunciação caracteriza-se, em primeira definição, como a instância de mediação entre estruturas narrativas e discursivas. Pode, nas diversas concepções lingüísticas e semióticas, ser reconstruída a partir sobretudo das “marcas” que espalha no discurso. É nas estruturas discursivas que a enunciação mais se revela e onde mais facilmente se apreendem os valores sobre os quais ou para os quais

o texto foi construído. Analisar o discurso é, portanto, determinar, ao menos em parte, as condições de produção do texto (Barros, 2005, p.53).

Paralelo a isso, para compreender essas questões relativas à enunciação presentes na narrativa, é necessário compreender também a língua a partir de uma perspectiva que leve em consideração as ideologias que permeiam os discursos. Nesse sentido, podemos afirmar que tal análise, segundo Fiorin:

[...] implica uma reflexão ampla sobre a linguagem, que leve em conta o fato de que ela é uma instituição social, o veículo das ideologias, o instrumento de mediação entre os homens e a natureza, os homens e os outros homens. No entanto, é preciso também ter em conta que a linguagem não é uma instituição social igual as outras. Não, ela tem suas especificidades (Fiorin, 1998, p. 6).

Assim sendo, é importante ressaltar que a semiótica propõe uma abordagem que não se restringe a um estudo apenas dos aspectos formais de uma obra ou da sua inserção no contexto histórico-social, mas que busca conciliar esses dois parâmetros de forma integrada. Para Denis Bertrand:

O estudo das questões relativas à enunciação está ligado à determinação do espaço enunciativo que funda “pontos de vista”, noção que pode ser aplicada aos diferentes modos de organização do discurso: narrativo, descriptivo ou argumentativo. A escolha de uma posição enunciativa marca “[...] o modo de presença do enunciador em seu discurso e a maneira pela qual ele dispõe, organiza e orienta seus conteúdos” (Bertrand, 2003, p.113).

Nesse sentido, a semiótica investiga, de forma simultânea, os processos que estruturam o texto e os mecanismos enunciativos que determinam a maneira como ele é construído e interpretado, além da posição assumida pelo enunciador e os efeitos de sentido decorrentes.

Ao integrar essas abordagens, há uma compreensão mais ampla e complexa de como os textos funcionam e como os sentidos são gerados, não apenas pelo plano de conteúdo, que conforme Barros (2005, p.75): “O plano de conteúdo casa-se com o da expressão e faz o texto, o texto dialoga com outros muitos textos”, mas também pelas condições de sua produção e recepção.

2.2 O PERCURSO GERATIVO DE SIGNIFICAÇÃO

Para compreender a formação do sentido em um texto, a semiótica propõe um modelo progressivo, denominado percurso gerativo da significação, que para Jean-Marie Floch, é:

[...] Uma representação dinâmica dessa produção de sentido; é a disposição ordenada das etapas sucessivas pelas quais passa a significação para se enriquecer e, de simples e abstrata, tornar-se complexa e concreta. Compreende-se a escolha do termo "percurso". Mas por que "gerativo"? Porque todo objeto significante, para a semiótica, pode - e deve - ser definido segundo seu modo de produção, e não segundo a "história" de sua criação: "gerativo" se opõe assim à "genético" (Floch, 2001, p.15).

Essa noção central na teoria semiótica descreve, em essência, as etapas pelas quais o significado se estrutura e se manifesta, podendo ser sintetizada, da seguinte maneira, conforme Barros:

- a) o percurso gerativo do sentido vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto;
- b) são estabelecidas três etapas no percurso, podendo cada uma delas ser descrita e explicada por uma gramática autônoma, muito embora o sentido do texto dependa da relação entre os níveis;
- c) a primeira etapa do percurso, a mais simples e abstrata, recebe o nome de nível fundamental ou das estruturas fundamentais e nele surge a significação como uma oposição semântica mínima;
- d) no segundo patamar, denominado nível narrativo ou das estruturas narrativas, organiza-se a narrativa, do ponto de vista de um sujeito;
- e) o terceiro nível é o do discurso ou das estruturas discursivas em que a narrativa é assumida pelo sujeito da enunciação (Barros, 2005, p.9).

Nesse contexto, faz-se necessária a análise de como é abordada a oposição de base do conto em exame, por exemplo — de nível fundamental, do percurso gerativo de significação, ferramenta primordial da semiótica discursiva — liberdade vs opressão, em que o sujeito mergulha no autoconhecimento com a contemplação das rosas, por meio de um processo de epifania, e experimenta a sensação de

liberdade ao escapar das amarras de suas inseguranças e da monotonia cotidiana.

Acerca disso, Fiorin explicita:

O texto pode ser abordado de dois pontos de vista complementares. De um lado, podem-se analisar os mecanismos sintáticos e semânticos responsáveis pela produção do sentido; de outro, pode- se compreender o discurso como objeto cultural, produzido a partir de certas condicionantes históricas, em relação dialógica com outros textos (Fiorin, 2008, p. 10).

Partindo desse ponto de vista, é importante compreender como essa identidade está expressa no texto, a partir da figura da rosa, e de que modo o discurso patriarcal dominante na narrativa se deixa revelar, mediante as ações do marido e da amiga Carlota.

Essa abordagem é substancial para compreender as implicações, a realidade e determinar o objeto de estudo, a fim de permitir a identificação do sentido do que o texto apresenta pois, é válido ressaltar que: “A semiótica insere-se, portanto, no quadro das teorias que se (pre)ocupam com o texto”, (Barros, 2005, p.10).

Nessa perspectiva, o conto traz à tona questões profundas sobre a identidade, a liberdade e a opressão, especialmente por meio do sujeito Laura, que se vê em uma constante busca pelo seu verdadeiro eu, de acordo com Fiorin:

O sujeito é um actante cuja natureza depende da função em que se inscreve. Em outras palavras, está sujeito ao objeto com que se relaciona. A relação com o objeto dá uma existência semiótica ao actante; a natureza do objeto dá a ele uma existência semântica (Fiorin, 2007, p.25).

Dessa maneira, é destacado que o sujeito, na semiótica, não existe de forma isolada, mas em relação ao objeto com o qual se envolve. A identidade de Laura, assim, é construída a partir da relação que mantém com o ideal de mulher perfeita e equilibrada, logo, um objeto de valor a ser alcançado.

2.3 MODALIZAÇÕES E CONSTRUÇÃO DO SUJEITO

De acordo com Fiorin (2007, p.24): “O conceito de sujeito é bastante complicado, porque é prenhe de ambiguidades. Está presente na filosofia, na

linguística, na sociologia, na antropologia [...] Em todos os domínios do conhecimento, é tema de debate". Assim sendo, ele só adquire significado semiótico quando se relaciona com o seu objeto.

À vista disso, evidencia-se o reflexo das modalizações presentes no texto, conforme Barros (2005, p.44) "Tanto para a modalização do ser quanto para a do fazer, a semiótica prevê essencialmente quatro modalidades: o querer, o dever, o poder e o saber". Além disso, há duas distinções, a primeira denominada como Modalização do fazer:

Na modalização do fazer é preciso distinguir dois aspectos: o *fazer-fazer*, isto é, o fazer do destinador que comunica valores modais ao destinatário-sujeito, para que ele faça, e o *ser-fazer*, ou seja, a organização modal da competência do sujeito (Barros, 2005, p.45).

Esses dois aspectos destacam dimensões diferentes da ação, o fazer-fazer refere-se à instância do destinador, que transmite valores modais ao sujeito com o intuito de levá-lo a agir, ou seja, trata-se de uma orientação externa. Já o ser-fazer diz respeito à competência modal do sujeito, ou melhor, sua capacidade de realizar determinada ação a partir das condições internas que possui.

A articulação entre essas duas modalidades permite compreender como o sujeito é construído no percurso narrativo, sendo atravessado por exigências exteriores e por sua própria constituição de saber, querer, dever e poder.

Por outro lado, tem-se a segunda denominação, conhecida como modalização do ser, na qual:

[...] Dois ângulos devem ser examinados, na modalização do ser: o da modalização veridictória, que determina a relação do sujeito com o objeto, dizendo a verdadeira ou falsa, mentirosa ou secreta, e o da modalização pelo querer, dever, poder e saber, que incide especificamente sobre os valores investidos nos objetos. As modalidades veridictórias articulam-se como categoria modal, em /ser/ vs.parecer/ (Barros, 2005, p.46).

A modalização veridictória está relacionada à forma como o sujeito percebe ou interpreta o objeto, estabelecendo uma distinção entre o que é ser e o que é parecer. Essa dimensão trata da veracidade ou da aparência do objeto de valor, o que influencia o modo como o sujeito se posiciona diante dele.

Dessa maneira, o sujeito não apenas age em função de uma competência modal como no fazer, mas também interpreta e valoriza o objeto conforme as marcas de veracidade e desejo atribuídas a ele, pois para Fiorin (2007, p.26): “Os objetos modais são predicados que regem outros predicados.” Isso significa que esses objetos modais não expressam ações diretamente, mas qualificam e condicionam outras ações ou estados, de modo a funcionarem como operadores que definem a possibilidade, necessidade, desejo ou conhecimento em relação a determinada prática ou decisão do sujeito no enunciado.

Nesse sentido, ao observar as relações entre as diferentes modalidades de sentido, pode-se perceber como o sujeito se constrói dentro de um processo contínuo de busca e transformação, porque, para Fiorin:

O sujeito tem o controle do sentido produzido, é o senhor daquilo que diz. O enunciado é, então, um resultado direto do processo enunciativo. O enunciador constrói seu discurso em razão de determinados propósitos e acredita que controla soberanamente e sem nenhuma falha toda a extrema complexidade de um ato comunicativo. O sujeito é exterior à linguagem, pois o pensamento é tido como anterior a ela (Fiorin, 2007, p.25).

Portanto, as tensões entre as exigências externas e as condições internas do sujeito, bem como os valores atribuídos aos objetos de seu desejo e necessidade, ilustram como as estruturas discursivas e as modalizações influenciam a subjetividade, além de evidenciar os desafios enfrentados pelo sujeito na sua constituição e atuação dentro de um contexto social e cultural pré-determinado.

3 PERCURSO SEMIONARRATIVO: ENTRE LIBERDADE E OPRESSÃO

Antes de apresentar a análise do nível semionarrativo presente no conto, é fundamental compreender alguns pressupostos da teoria semiótica, que oferece as ferramentas conceituais necessárias para interpretar os sentidos construídos no texto. Entre esses conceitos, destaca-se a oposição entre valores eufóricos (positivos) e disfóricos (negativos), que organizam o universo de significação.

A liberdade, enquanto valor eufórico, configura-se como uma força positiva que propicia a conformidade do sujeito consigo mesmo, contrastando com a opressão, que se apresenta como valor disfórico, gerador de sofrimento e desconformidade. Tal compreensão possibilita uma leitura mais aprofundada dos sentidos de liberdade e opressão que marcam a trajetória da protagonista.

Nesse contexto, as categorias fundamentais do discurso são estruturadas conforme essa dualidade, como explica Barros:

As categorias fundamentais são determinadas como positivas ou eufóricas e negativas ou disfóricas. No texto, a liberdade é eufórica, a opressão, disfórica. Além das relações mencionadas e de sua determinação axiológica, estabelece-se no nível das estruturas fundamentais um percurso entre os termos. Passa-se, no texto em exame, da dominação negativa à liberdade positiva (2005, p.14).

Dessa forma, a categoria tímica euforia vs. disforia atua como uma modulação das categorias semânticas, indicando a relação do sujeito com os valores em circulação no texto. Ainda segundo Barros (2005, p. 81-82): “A euforia estabelece a relação de conformidade do ser vivo com os conteúdos representados, enquanto a disforia marca a relação de desconformidade do ser vivo com os conteúdos representados”.

Diante desse ponto de vista, é fato que o conto “A Imitação da Rosa”, revela, por meio de sua aparente simplicidade, uma profunda tensão entre os desejos mais íntimos da protagonista e as pressões sociais que limitam seu desenvolvimento pessoal. O sujeito da narrativa, Laura, imersa em um conflito interno, busca um espaço de liberdade, mas se vê constantemente confrontada pelas normas sociais que a oprimem. Sendo assim, há uma luta constante entre sua vontade de se afirmar como mulher e os papéis impostos pela sociedade.

Nesse sentido, o episódio da contemplação do ramalhete de rosas marca o ápice da narrativa e representa um momento de epifania — termo utilizado para designar instantes de revelação interior nas obras de Lispector — em que Laura passa por uma tomada de consciência sobre si mesma e sobre os desejos que reprimiu ao longo da vida. As rosas, compradas na feira por insistência do vendedor e por um impulso de ousadia, tornam-se objeto de valor que desperta na personagem um breve estado de conformidade consigo mesma, ao simbolizarem algo belo que ela finalmente se permite possuir:

[...] Ah como são lindas, exclamou seu coração de repente um pouco infantil. Eram miúdas rosas silvestres que ela comprara de manhã na feira, em parte porque o homem insistira tanto, em parte por ousadia. Arrumara-as no jarro de manhã mesmo, enquanto tomava o sagrado copo de leite das dez horas (Lispector, 1988, p.23).

Inicialmente, Laura, cogita presentear esse ramalhete à amiga de infância Carlota. Essa ideia surge em sua mente após observar a empregada Maria pronta para sair: “Por que não pedir a Maria para passar por Carlota e deixar-lhe as rosas de presente?” (Lispector, 1988, p. 23).

No entanto, com o passar dos dias e a contemplação desse ramalhete, ela começa a refletir sobre a natureza efêmera da própria vida e sua busca por beleza e significado antes despercebidos:

[...] sinceramente, nunca vi rosas tão bonitas”. Olhou-as com atenção. Mas a atenção não podia se manter muito tempo como simples atenção, transformava-se logo em suave prazer, e ela não conseguia mais analisar as rosas, era obrigada a interromper-se com a mesma exclamação de curiosidade submissa: como são lindas (Lispector, 1988, p. 23).

A contemplação das rosas leva Laura a uma profunda reflexão sobre sua própria existência e a necessidade de transformar uma identidade na qual não mais se reconhece. Essa imersão culmina em uma decisão significativa: ficar com as rosas para si. Nesse gesto aparentemente simples, Laura rompe, ainda que de forma breve, com a lógica de submissão e renúncia que define sua trajetória.

Desse modo, sua percepção se transforma no momento em que realmente as vê: “E quando olhou-as, viu as rosas.” Desse reconhecimento emana um

pensamento sutil, porém irresistível: “não dê as rosas, elas são lindas”. Quase como uma tentação, a ideia se intensifica: “não dê, elas são suas”. Essa possessividade surpreende a própria Laura, de modo a confrontar sua habitual sensação de não pertencimento: “Laura espantou-se um pouco: porque as coisas nunca eram dela” (Lispector, 1988, p. 24).

A rosa, enquanto figura central da narrativa, desencadeia esse processo de reflexão e reconexão com o desejo, de modo a funcionar como operador semântico do percurso de transformação subjetiva da personagem. No entanto, a disforia continua a permear sua existência. Apesar do gesto simbólico de resistência, Laura permanece imersa em uma estrutura opressora, marcada pela inadequação, insegurança e falta de veracidade.

Nesse ponto da narrativa, ela percebe que vive a imitação de uma existência e de uma liberdade que não existe, e começa a especular sobre como tem vivido sem autenticidade, ou seja, como uma cópia do que deveria ser verdadeiro para ela. Em síntese, as rosas simbolizam para Laura um momento epifânico e um despertar para a necessidade de mudar sua relação com a vida e consigo mesma.

Ademais, é visto que a rosa, como figura central da narrativa, desempenha um papel crucial dentro do percurso gerativo de significação, sobretudo no nível fundamental, pois provoca uma série de reflexões sobre a natureza da liberdade, da opressão contra a identidade humana que escapa aos padrões.

Sendo assim, observa-se que embora ela tente cumprir os papéis esperados de esposa equilibrada e mulher reabilitada, sua subjetividade entra em conflito com essa imagem social, e manifesta-se em momentos de estranhamento e angústia. Isso é evidente quando ela se surpreende com a ideia de que algo possa ser verdadeiramente seu — “as coisas nunca eram dela” —, o que demonstra a falta de pertencimento e autenticidade em sua vida.

Assim, a busca pela liberdade de ser quem realmente se é percorre toda a narrativa, revelando uma existência vivida como mera imitação, marcada pela negação de seus desejos mais profundos e pela constante limitação de sua autenticidade.

Desse modo, na narrativa, é possível identificar dois destinadores que tentam direcionar as ações de Laura: o marido e Carlota. Cada um deles propõe

sistemas de valores distintos, com consequências diretas sobre a trajetória da protagonista. Sobre as relações entre destinador e destinatário, Barros afirma:

Destinador: é o actante narrativo que determina os valores em jogo e que dota o destinatário-sujeito da competência modal necessária ao fazer (destinador-manipulador) e o sanciona, recompensando ou punindo-o pelas ações realizadas (destinador-julgador) (Barros, 2005 p.81).

O marido, dessa forma, representa os valores dominantes do sistema patriarcal — obediência, repressão dos desejos individuais, manutenção da ordem familiar tradicional — valores esses que se mostram disfóricos para Laura, pois a colocam em uma posição de submissão e anulação de si mesma: “De que me adiantava casar com uma bailarina?”, era isso o que ele respondia. Ninguém diria, mas Armando podia ser às vezes muito malicioso, ninguém diria” (Lispector,1988, p.22).

Em contrapartida, Carlota surge como uma destinadora alternativa, que propõe a liberdade, a autonomia e a emancipação feminina, valores eufóricos para Laura, pois se alinham ao seu desejo de se libertar das amarras sociais impostas: “Carlota na certa pensava que ela era apenas ordeira e comum e um pouco chata, e se ela era obrigada a tomar cuidado para não importunar os outros com detalhes” (Lispector,1988, p.22)

Embora ambos atuem como destinadores, apenas Carlota exerce com eficácia a função de destinador-manipulador, ao dotar Laura da competência modal necessária para agir — querer, dever, poder — e direcioná-la a uma nova configuração de sujeito. Essa influência se torna perceptível no momento em que Laura, mesmo com certo desconforto, reconhece a originalidade da amiga e sua postura diante do marido:

Não é que Carlota desse propriamente o que falar, mas ela, Laura — que se tivesse oportunidade a defenderia ardente, mas nunca tivera a oportunidade — ela, Laura, era obrigada a contragosto a concordar que a amiga tinha um modo esquisito e engraçado de tratar o marido, oh não por ser “de igual para igual”, pois isso agora se usava, mas você sabe o que quero dizer. E Carlota era até um pouco original, isso até ela já comentara uma vez com Armando e Armando concordara, mas não dera muita importância (Lispector,1988, p. 22).

Por sua vez, o marido, embora tente impor sua autoridade, fracassa na manipulação justamente porque Laura não adere plenamente ao sistema de valores que ele representa. Somado a isso, é possível compreender Carlota também como destinadora-julgadora, pois é a partir da adesão aos valores que ela encarna que Laura é simbolicamente sancionada, alcançando a liberdade desejada e rompendo com o modelo patriarcal anteriormente imposto.

Dessa forma, a adesão de Laura ao percurso de transformação só se realiza quando ela escolhe seguir o direcionamento de Carlota, rejeitando o do marido e, consequentemente, os valores repressivos que ele personifica. Nesse contexto, o marido e Carlota são compreendidos como importantes destinadores das ações do sujeito Laura, pois eles incorporam as normas e expectativas sociais dominantes, particularmente àquelas ligadas ao sistema patriarcal, relacionando-se a essa estrutura:

Quadro 1- Valores de Dominação e Liberdade

dominação	não-dominação	liberdade
(disforia)	(não-disforia)	(euforia)

Fonte: Barros (2005, p.15).

A partir desse quadro, comprehende-se que o marido e Carlota representam a dominação, uma força que impõe normas e expectativas sociais, o que gera sofrimento e repressão, o que configura a disforia em Laura. Impulsionada pelo valor da liberdade — entendida como libertação das normas patriarcais e sociais que a aprisionam — Laura orienta suas ações em busca da autonomia e da realização pessoal, valores associados à euforia no percurso narrativo. Para Barros (2005, p.86) “Valor: é o termo de uma categoria semântica, selecionado e investido em um objeto com o qual o sujeito mantenha relação. É a relação com o sujeito que define o valor.”

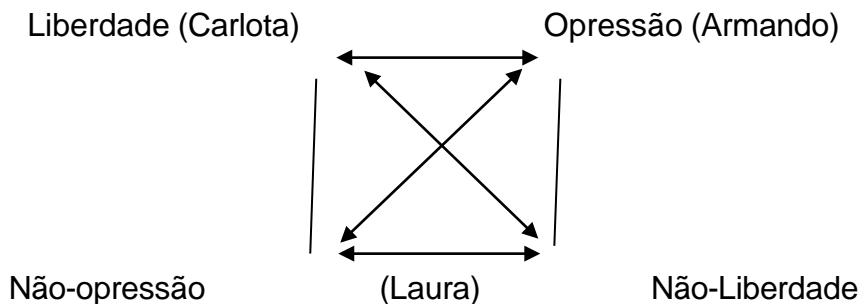
Em oposição, a dominação exercida por figuras como o marido representa a imposição de expectativas sociais rígidas, resultante da repressão e sofrimento, o que configura um estado de disforia para a personagem. Assim, o conflito central da narrativa se estrutura na tensão entre a submissão às normas (disforia) e o desejo de emancipação (euforia), que guia o movimento de Laura ao longo da narrativa.

Dessa forma, Carlota, amiga de infância de Laura, apresenta características completamente distintas das suas, representando o modelo de mulher que aceita passivamente a opressão e se conforma aos padrões impostos pela sociedade:

[...] O que não fizera nunca com que Carlota, já naquele tempo um pouco original, a admirasse. A reação das duas sempre fora diferente. Carlota ambiciosa e rindo com força: ela, Laura, um pouco lenta, e por assim dizer cuidando em se manter sempre lenta; Carlota não vendo perigo em nada. E ela cuidadosa (Lispector, 1988, p.19).

À medida que o conto avança, Laura observa Carlota e começa a questionar sua própria vida. Ela reflete sobre sua condição, ao mesmo tempo em que se sente impulsionada a se afastar da existência de sua amiga, temendo se perder em uma rotina de aceitação onde não há espaço para questionamento ou mudança. Nesse contexto, a oposição fundamental entre liberdade e opressão pode ser representada por meio do quadrado semiótico, conforme apresentado a seguir:

Quadro 2- Quadrado semiótico- Laura, Armando e Carlota.



Fonte: A autora, 2025.

Neste quadrado semiótico, a oposição central é entre liberdade e opressão, categorias semânticas fundamentais que estruturam o percurso gerativo de sentido da narrativa. A liberdade, representada por Carlota, é associada a valores eufóricos, enquanto a opressão, representada por Armando, é vinculada a valores disfóricos. As posições de não-liberdade e não-opressão surgem como contraditórios, refletindo os estados intermediários vivenciados por Laura.

A não-liberdade pode ser entendida como a situação em que Laura se adapta às expectativas sociais sem questioná-las, mantendo-se em uma posição de

conformidade sem alcançar sua verdadeira autonomia: “Não se esforce por fingir que a senhora está bem, porque a senhora está bem” (Lispector, 1988, p.25).

A não-opressão emerge diante de sua convivência com Carlota, onde ela vislumbra uma existência possível fora do modelo patriarcal, mas ainda sem conquistar plenamente sua liberdade: “As pessoas felizmente ajudavam a fazê-la sentir que agora estava “bem”. Sem a fitarem, ajudavam-na ativamente a esquecer, fingindo elas próprias o esquecimento como se tivessem lido a mesma bula do mesmo vidro de remédio” (Lispector, 1988, p.25).

Essa análise semiótica revela a complexidade da jornada subjetiva de Laura, marcada por dilemas internos e externos. O percurso da personagem configura-se como um processo de transformação identitária, tensionado entre a conformidade e a busca por liberdade pessoal.

Logo, Carlota personifica o conformismo que Laura deseja evitar, mas, paradoxalmente, também reflete o desespero que ela sente. Assim, algumas das atitudes de Carlota se tornam um espelho das inquietações e angústias que Laura busca entender e superar, o que se vê neste fragmento:

Sentou-se no sofá como se fosse uma visita na sua própria casa que, tão recentemente recuperada, arrumada e fria, lembrava a tranquilidade de uma casa alheia. O que era tão satisfatório: ao contrário de Carlota, que fizera de seu lar algo parecido com ela própria, Laura tinha tal prazer em fazer de sua casa uma coisa impessoal; de certo modo perfeita por ser impessoal (Lispector, 1988, p.20).

Neste trecho, é descrita a sensação do sujeito ao se sentar no sofá de sua casa. Ela se sente como se fosse uma visitante em um lugar que, embora fosse seu lar, parecia estranho e distante. O fato de a casa estar “recuperada, arrumada e fria” sugere a busca por um ambiente organizado e impessoal, ou seja, um espaço que não refletisse muito de sua personalidade ou emoções, mas sim algo mais neutro e ordenado.

Outro ponto crucial que merece destaque é a questão do destinador das ações de Laura como algo bastante complexo, pois embora o marido tenha um papel importante como figura de autoridade em sua vida, ele não é o único responsável pela opressão que ela passa. Armando, representa, sim, uma encarnação das pressões sociais, mas o sujeito também é condicionado por uma

sociedade patriarcal mais ampla, que impõe padrões e expectativas de comportamento para as mulheres: “Há quanto tempo não via Armando enfim se recostar com abandono, esquecido dela? E ela mesma? (Lispector, 1988, p.19).

O marido de Laura pode ser visto como uma representação direta de uma sociedade que limita as mulheres, mas, ao mesmo tempo, ele não é o único agente que atua sobre ela. Apesar de ele refletir o sistema social que a oprime, é por intermédio da própria Laura que ela começa a perceber essas limitações e buscar, finalmente, sua liberdade e identidade. Desse modo, cabe destacar a opressão exercida pelo marido, observável nesse trecho da obra:

Antes que Armando voltasse do trabalho a casa deveria estar arrumada e ela própria já no vestido marrom para que pudesse atender o marido enquanto ele se vestia, e então sairiam com calma, de braço dado como antigamente (Lispector, 1988, p.19).

A conscientização de Laura sobre as opressões que enfrenta não vem apenas da interação com o marido, mas de uma percepção interna, uma introspecção que a leva a questionar o papel que lhe é atribuído pela sociedade patriarcal. Pois ela começa a perceber que as amarras que a prendem não estão limitadas a seu marido, mas a um sistema mais amplo de expectativas sociais que formam uma relação invisível sobre diversas mulheres do âmbito social, em que Carlota também se inclui.

Nesse processo de descoberta, a relação de Laura com Armando se torna um campo de luta e reflexão, não apenas no que se refere ao casamento, mas também à maternidade, Laura não podia ter filhos: “Andando devagar para o ponto do ônibus, com aquelas coxas baixas e grossas que a cinta empacotava numa só fazendo dela uma “senhora distinta”; mas quando, sem jeito, ela dizia a Armando que isso vinha de insuficiência ovariana” (Lispector, 1988, p.22). No entanto, ela não consegue mais aceitar passivamente os papéis que lhe são impostos, pois sua percepção de si mesma começa a mudar.

E, embora Armando continue sendo a figura mais tangível de opressão em sua vida, Laura começa a reconhecer que sua própria submissão é, em grande parte, resultado da internalização desses papéis sociais. Nesse sentido, de acordo com (Bourdieu, 1998) “A dominação masculina é aprendida pelo homem e absorvida pela mulher inconscientemente.”

Sendo assim Armando, perpetua essa atitude de dominação na maneira como ela aceita, inicialmente sem questionar, o papel de esposa submissa e obediente que a sociedade lhe reserva e impõe uma expectativa. E, por sua vez, absorve essa construção social, moldando suas próprias expectativas e comportamentos em relação ao casamento.

Essa naturalização do papel de esposa submissa, internalizada por Laura, evidencia como a consciência individual é moldada por estruturas ideológicas mais amplas. Nesse sentido, Fiorin afirma que:

O pensamento dominante em nossa sociedade reluta em aceitar a tese de que a consciência seja social, pois repousa sobre o conceito de individualidade e concebe, assim, a consciência como o lugar da liberdade do ser humano. No âmago de seu ser, ele estaria livre das coerções sociais. Desses conceitos derivam as ideias de uma liberdade abstrata de pensamento e expressão de uma criatividade, que seria preciso cultivar, pois ela seria a expressão da subjetividade individual (Fiorin, 1988, p.35).

Ou seja, embora Laura aparente agir por vontade própria, suas ações estão atravessadas por coerções sociais que ela mesma absorveu inconscientemente ao longo do tempo. A ideia de uma liberdade subjetiva e espontânea, como lembra o autor, mascara o modo como o sujeito é atravessado por ideologias que o formatam.

Dessa forma, Laura, ao incorporar os comportamentos esperados de uma “boa esposa”, não está simplesmente obedecendo ao marido, mas respondendo a um modelo social mais profundo, que delimita e condiciona sua identidade. Sua trajetória, portanto, é marcada por esse conflito entre uma subjetividade construída ideologicamente e a busca por um autêntico processo de libertação.

4 O DISCURSO RELIGIOSO NA NARRATIVA “A IMITAÇÃO DA ROSA”

Previamente à discussão das questões ideológicas que permeiam o conto, cabe observar os elementos da sintaxe e da semântica discursiva, especialmente no que se refere ao modo de enunciação, pois conforme Barros (2005, p.85): “Cabe à sintaxe discursiva explicar as relações do sujeito da enunciação com o discurso-enunciado e também as relações “argumentativas” que se estabelecem entre enunciador e enunciatário.” Em relação à semântica, Greimas afirma:

O melhor ponto de partida para a compreensão da estrutura semântica parece consistir, no momento, na concepção saussuriana dos dois planos da linguagem - o da expressão e o do conteúdo - sendo a existência da expressão considerada como a condição da existência do sentido (Greimas, 1975, p.36).

Acerca disso, essa concepção permite:

a) postular o paralelismo entre a expressão e o conteúdo, dando assim uma idéia aproximada do modo de existência e articulação da significação; b) considerar o plano da expressão como sendo constituído de traços diferenciais, que são a condição da presença do sentido articulado e, consequentemente, instrumentos de apreciação da adequação dos modelos utilizados para a descrição do plano semântico (conforme a regra derivada do princípio do paralelismo, pela qual toda mudança de expressão corresponde a uma mudança de conteúdo) (Greimas, 1975, p. 37).

Sob essa ótica, o conto “A Imitação da Rosa” é narrado por um enunciador que realiza uma debreagem actancial enunciva de 2º grau — quando o enunciador delega a voz a um narrador que, por sua vez, delega voz a um interlocutor no discurso — o qual, por conhecer os pensamentos mais íntimos da protagonista, oferece ao enunciatário uma perspectiva privilegiada da interioridade do sujeito: “Ela chamava a si mesma de “Laura”, como a uma terceira pessoa”, (Lispector, 1988, p.24). Dessa forma, esse recurso narrativo revela o distanciamento da personagem em relação a si mesma, evidenciando uma fragmentação identitária.

O narrador, por sua vez, ao adentrar na esfera subjetiva de Laura, contribui para a construção de uma atmosfera meditativa e complexa, que intensifica o caráter introspectivo da narrativa. Essa posição enunciativa é fundamental para a compreensão do percurso da personagem, pois desvenda não apenas suas ações,

mas sobretudo seus sentimentos ocultos, contradições internas e conflitos existenciais, conforme Fiorin:

Sendo enunciador e enunciatário, a pessoa constitui o discurso exatamente com a heterogeneidade de vozes. "Transbordada", porque, sendo actante, a pessoa comanda enunciado e enunciação, e, assim, pode chegar ao requinte de derramar um sobre o outro (1996, p.230).

Constata-se, portanto, a complexidade do processo enunciativo, no qual o sujeito da narrativa ocupa simultaneamente as funções de enunciador e enunciatário, ou seja, aquele que emite e recebe o discurso. Sendo assim, essa "heterogeneidade de vozes" implica que o discurso não é unidimensional, mas reflete diferentes camadas e perspectivas.

O sujeito, dessa forma, ao ocupar ambas as funções, pode transbordar entre enunciado e enunciação, e fazer com que o que é dito se entrelace com o que é sentido. Esse fato enriquece a narrativa e permite que a subjetividade da personagem seja manifestada de maneira elaborada, ao expor não apenas suas ações, mas também seus conflitos e contradições internas, o que ocorre com Laura.

Além disso, os atores — Laura, seu marido e Carlota — são instalados no tempo e no espaço de maneira significativa, o que permite acompanhar o percurso narrativo sob o ponto de vista da transformação do sujeito. Acerca disso, o tempo articula-se entre o presente da retomada da vida doméstica e o passado da internação, onde percebe-se o jogo de luz e sombra, construído por meio de imagens contrastantes ao longo do conto. Ao observar que o ambiente do hospital ou clínica, é associado ao espaço da noite e da escuridão:

E, de volta à paz noturna da Tijuca – não mais aquela luz cega das enfermeiras penteadas e alegres saindo para as folgas depois de tê-la lançado como a uma galinha indefesa no abismo da insulina –, de volta à paz noturna da Tijuca, de volta à sua verdadeira vida (Lispector, 1988, p.22).

Nesse trecho observa-se um contraste marcante entre os espaços representados no texto: o hospital, associado à "luz cega das enfermeiras", e o lar, caracterizado pela noite e pela paz. A luz, que em contextos tradicionais poderia remeter à clareza ou redenção, adquire aqui um valor disfórico, evocando opressão e controle institucional. Sendo assim, a escuridão da noite é valorizada como um

ambiente de acolhimento, onde Laura supostamente reencontra sua "verdadeira vida".

Ademais, a imagem da "galinha indefesa" lançada "no abismo da insulina" reforça a modalização do sujeito como não-potente diante de um destinador coercitivo, representado pelo sistema médico. A paz noturna, portanto, mais do que simples descanso, traduz a tentativa de Laura de recuperar um espaço onde possa exercer sua subjetividade, ainda que de modo idealizado e ilusório.

A imagem do planeta Marte também aparece na narrativa, vê-se, então, que também é ressignificada. Ele aparece como símbolo de perfeição, uma espécie de lugar idealizado, mas ao mesmo tempo funciona como válvula de escape, um abrigo diante da ameaça da instabilidade mental:

Se uma pessoa perfeita do planeta Marte descesse e soubesse que as pessoas da Terra se cansavam e envelheciam, teria pena e espanto. Sem entender jamais o que havia de bom em ser gente, em sentir-se cansada, em diariamente falir; só os iniciados compreenderiam essa nuance de vício e esse refinamento de vida (Lispector, 1988, p.20).

A luminosidade atribuída a Marte reforça a ideia de que a loucura — tal como a luz — não é serena nem acolhedora, mas excessiva, violenta e perturbadora. Assim, o contraste entre luz e sombra guia a representação metafórica da tensão entre lucidez e desvario, em que a claridade revela não apenas o sagrado, mas também o insuportável.

Por conseguinte, ambientes como a casa e objetos cuidadosamente dispostos tornam-se figuras que dialogam com os temas da pureza, repressão e disciplina interior. Essa alternância temporal não apenas situa os eventos, mas estrutura o percurso da protagonista, cujo passado de reclusão retorna como eco de sentido nos gestos e ambientes controlados do presente. O espaço, por sua vez, não é neutro — a casa, os objetos, e até mesmo o corpo de Laura tornam-se operadores figurativos de um desejo por santificação e repressão do desejo.

No plano semântico-discursivo, que para Barros (2005, p.85) "cabe-lhe examinar a disseminação dos temas no discurso, sob a forma de percursos, e o investimento figurativo dos percursos", emergem temas como dor, angústia, loucura, renúncia e morte, figurativizados por meio de imagens sensíveis que indicam a transição do sujeito entre estados de equilíbrio e ruptura, pois:

Os valores assumidos pelo sujeito da narrativa são, no nível do discurso, disseminados sob a forma de percursos temáticos e recebem investimentos figurativos. A disseminação dos temas e a figurativização deles são tarefas do sujeito da enunciação. Assim procedendo, o sujeito da enunciação assegura, graças aos percursos temáticos e figurativos, a coerência semântica do discurso e cria, com a concretização figurativa do conteúdo, efeitos de sentido sobretudo de realidade (Barros, 2005, p.66).

Essas temáticas, portanto, não se apresentam de maneira direta ou explícita. Elas são figurativizadas discursivamente por meio de imagens simbólicas, como as flores, a limpeza obsessiva, os gestos contidos e o silêncio, que apontam para a experiência de esvaziamento subjetivo de Laura:

Oh como era bom rever tudo arrumado e sem poeira, tudo limpo pelas suas próprias mãos destras, e tão silencioso, e com um jarro de flores, como uma sala de espera. Sempre achara lindo uma sala de espera, tão respeitoso, tão impessoal. Como era rica a vida comum, ela que enfim voltara da extravagância (Lispector, 1988, p.23).

O tema da pureza, por exemplo, ultrapassa o campo espiritual, sendo expresso em seu horror à desordem e à imperfeição — marcas de uma tentativa de negar o caos interno e de se moldar a um ideal inalcançável. Dessa maneira, cabe também compreender que os tempos no discurso não seguem uma linearidade rígida, mas se articulam em sobreposições e contrapontos que acentuam a fragmentação e o colapso da personagem. Como afirma Fiorin:

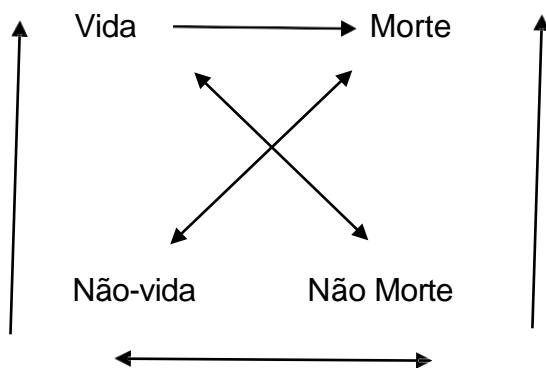
Os tempos, no discurso, fogem das rígidas convenções do sistema, mesclam-se, superpõem-se, perseguem uns aos outros, servem de contraponto uns aos outros, afastam-se, aproximam-se, combinam-se, sucedem-se num imbricado jogo de articulações e de efeitos de sentido. No entanto, como no contraponto, obedecem a regras, a coerções semânticas. O discurso cria o cosmo e abomina o caos (Fiorin, 1996, p.29).

À vista disso, no nível discursivo, os temas e figuras que emergem no decorrer do conto giram em torno das categorias de base identificadas no exame do nível fundamental, como: vida versus morte, sanidade versus loucura, pureza versus desordem, pois, conforme Barros (2005,p.53): “O nível discursivo é o patamar mais superficial do percurso, o mais próximo da manifestação textual”, porque ao mesmo

tempo em que é o mais acessível e imediato, revela a complexidade do enredo por meio das escolhas linguísticas e das figuras de linguagem que operam no texto.

Em suma, o conto organiza figuras que representam o sofrimento, o esvaziamento e a entrega a um objetivo inalcançável, que ao invés de libertar, aprisiona Laura em um ciclo de submissão e negação do próprio desejo — a morte — que nesse caso, não é apenas biológica, mas simbólica — uma morte do sujeito, um suicídio existencial, apagado pela imposição de modelos sociais e religiosos de perfeição. Para melhor compreensão, segue abaixo o quadrado semiótico que estrutura os valores em tensão — vida e morte — na narrativa:

Quadro 3- Quadrado semiótico- Laura- Sujeito



Fonte: A autora, 2025.

Constata-se que a vida representa o desejo de autenticidade, liberdade e expressão subjetiva de Laura, enquanto a morte simboliza a anulação do sujeito, seja por repressão interna ou por imposições externas. As categorias de não-vida e não-morte operam como valores intermediários: a não-vida refere-se a um estado de existência automatizada, desprovida de autonomia e prazer, vivida sob normas sociais rígidas; já a não-morte aponta para a impossibilidade de alcançar a liberação por meio da negação total do sujeito.

Entende-se, assim, que esses quatro polos estruturam o percurso temático de Laura, que transita entre tais estados ao longo do conto, revelando a tensão constante entre os modelos ideológicos de perfeição e o desejo de preservação de sua identidade interior.

4.1 A IMITAÇÃO DE CRISTO E A PERDA DO EU

A narrativa carrega em seu título uma referência direta à obra medieval *A Imitação de Cristo*, atribuída ao escritor Tomás de Kempis. Essa intertextualidade sugere desde o início uma leitura a partir do ponto de vista religioso da trajetória da protagonista, Laura, cuja busca por equilíbrio e pureza pode ser compreendida à luz do ideal cristão de renúncia e disciplina interior.

No tratado devocional, lê-se:

Se, porém, alcança o que desejava, sente logo o remorso da consciência, porque obedeceu à sua paixão, que nada vale para alcançar a paz que almejava. Em resistir, pois, às paixões, se acha a verdadeira paz do coração, e não em segui-las (Kempis, 2014. p. 27).

Esse trecho ecoa na luta silenciosa de Laura por manter uma imagem de sanidade e perfeição diante do mundo. Nesse sentido, a presença do discurso religioso no conto se infiltra de forma sutil na construção simbólica da personagem e de seus conflitos, pois promove um diálogo com valores cristãos como: o sacrifício, a obediência e a imitação de uma figura idealizada, que comprova o que Barros afirma (2005, p.82): “Figura: é um elemento da semântica discursiva que se relaciona com um elemento do mundo natural, o que cria, no discurso, o efeito de sentido ou a ilusão de realidade.”

Ainda que Laura não mencione diretamente essa prática religiosa, sua conduta é marcada por uma tentativa obsessiva de pureza e controle, já percebidas desde sua juventude, ou seja, no tempo em que estudou no colégio religioso Sacré Coeur: “Já no tempo do Sacré Coeur ela fora arrumada e limpa, com um gosto pela higiene pessoal e um certo horror à confusão. (Lispector, 1988, p.19).

Acerca disso, é notável que esse comportamento ultrapassa o cuidado físico e revela uma tentativa de controlar também o caos interior, como se a limpeza e a ordem fossem expressões de uma busca moral e espiritual mais profunda. Em *A Imitação de Cristo*, lê-se:

Aparelha-te, pois, para o combate, se queres a vitória. Sem peleja não podes chegar à coroa da vitória. Se não queres sofrer, renuncia à coroa; mas, se desejas ser coroado, luta varonilmente e sofre com paciência. Sem trabalho não se consegue o descanso e sem combate não se alcança a vitória (Kempis, 2009, p.107).

Similarmente, Laura, recém-saída de uma internação, empenha-se em retomar uma vida social “normal” e, para isso, dedica-se com rigor quase litúrgico à repetição de gestos e pensamentos que demonstrem equilíbrio, como se sua conduta fosse uma batalha silenciosa contra seus próprios imbróglios internos.

Uma das passagens mais reveladoras de Laura sobre sua relação com a obra *A Imitação de Cristo* ocorre quando ela confessa que, ao lê-la, não comprehendeu intelectualmente, mas foi profundamente tocada pelo seu conteúdo espiritual:

E ela cuidadosa. Quando lhe haviam dado para ler a “Imitação de Cristo”, com um ardor de burra ela lera sem entender mas, que Deus a perdoasse, ela sentira que quem imitasse Cristo estaria perdido – perdido na luz, mas perigosamente perdido. Cristo era a pior tentação (Lispector, 1988, p.19).

A confissão revela o impacto do texto religioso em sua formação interior. Embora não comprehendesse intelectualmente a obra, Laura foi afetada por sua força espiritual. Logo, ao dizer que “Cristo era a pior tentação”, ela reconhece que imitar a perfeição absoluta de Cristo é, paradoxalmente, se afastar do mundo humano e mergulhar em uma luz que cega, consequentemente, ocasionando em uma perda do ser humano, uma anulação do eu, algo que a leva a questionar a própria identidade.

Além do mais, agora, em outro momento da narrativa, a imagem luminosa ressurge, desta vez relacionada diretamente à figura de Cristo. A luz, que em um momento da narrativa remete à experiência redentora vivida durante a adolescência, quando ocorre o contato com *A Imitação de Cristo* nas aulas de catequese, é também aquela que provoca inquietação. Esse mesmo brilho, antes associado à fé, torna-se incômodo, causa ofuscamento interior e evoca a culpa, a impressão de estar em pecado ou em desvio, “numa obscura lógica de mulher que peca” (Lispector, 1988, p.25).

A figura de Cristo, envolta em uma luz quase inalcançável, surge como um ideal inalcançável, cuja imitação seria impossível. Assim, a claridade ganha duplo valor: salvífico e ameaçador. A protagonista parece mais confortável nas sombras, onde pode existir sem o peso da exposição, e onde sua subjetividade pode se manifestar com menos conflito. Dessa forma, estabelece-se uma relação entre a luz e a loucura, em oposição à sombra, que se configura como espaço de refúgio:

Não, pensou de súbito vagamente avisada. Era preciso tomar cuidado com o olhar de espanto dos outros. Era preciso nunca mais dar motivo para espanto, ainda mais com tudo ainda tão recente. E sobretudo poupar a todos o mínimo sofrimento da dúvida. E que não houvesse nunca mais necessidade da atenção dos outros – nunca mais essa coisa horrível de todos olharem-na mudos, e ela em frente a todos. Nada de impulsos. (Lispector, 1988, p.24).

Ainda assim, sua conduta indica que ela tenta seguir esse ideal, mesmo sabendo que tal entrega pode levar à perda de si — não à perdição moral, mas à anulação subjetiva diante de um modelo divino que exige renúncia total, ou seja, tudo aponta para um esforço de purificação, como se Laura buscasse, à sua maneira, imitar não a Cristo em sua essência divina, mas um ideal de perfeição humana, passível de ser socialmente aceita:

Mas que, para o coração tão cheio de culpa da mulher, tinha sido cada dia a recompensa por ter enfim dado de novo àquele homem a alegria possível e a paz, sagradas pela mão de um padre austero que permitia aos seres apenas a alegria humilde e não a imitação de Cristo (Lispector, 1988, p.27).

Além disso, o sacrifício silencioso da personagem, que reprime suas emoções, evita conflitos e mantém um sorriso sereno, remete a um ideal cristão de sofrimento resignado. Kempis afirma: “O grande obstáculo é que se detêm nos sinais e coisas sensíveis, cuidando pouco da perfeita mortificação” (2009, p. 125), e é justamente essa mortificação que permeia o comportamento de Laura, relacionando-se a sua repressão emocional e o esforço para manter uma postura serena, além da tentativa de atender a um ideal cristão de sofrimento resignado, em que a dor é silenciosamente aceita como parte de um processo de purificação.

4.2 LAURA E CARLOTA: O IDEAL DE PERFEIÇÃO

A análise das figuras de Laura e Carlota, embora já sugeridas, devem ser aprofundadas para destacar as diferenças entre ambas em relação à busca pela perfeição. Laura é apresentada como alguém que busca um ideal de perfeição divina, quase impossível de ser alcançado sem perder a sua humanidade, apresentando-se como uma figura pura e controlada, mas sua tentativa de atingir esse ideal leva-a a uma forma de penitência silenciosa, em que a repressão de seus

sentimentos e emoções reflete um desejo constante de se tornar digna aos olhos dos outros.

Por outro lado, Carlota representa uma figura mais humana e imperfeita, cuja abordagem da vida não é pautada pela busca de uma perfeição inatingível. Ela vive sua vida com suas falhas e imperfeições, mas de maneira mais autêntica e realista. Essa diferença entre as duas personagens pode ser resumida em um quadro comparativo que mostra, de um lado, a busca pela perfeição idealizada (Laura) e, do outro, a aceitação da imperfeição e da humanidade (Carlota):

Tabela 1- Temas e figuras circunscritos no texto

Categorias	Laura	Carlota
Perfeição	Busca um ideal de perfeição divina, inatingível, sacrificial.	Não busca a perfeição, aceita suas falhas.
Relação com o mundo	Busca afastar-se do mundo para imitar Cristo.	Vive no mundo, com autenticidade.
Emoções e sentimentos	Reprime suas emoções em nome da pureza.	Expressa suas emoções livremente.
Sofrimento	Seu sofrimento é silencioso e introspectivo.	Aceita o sofrimento como parte da vida.

Fonte: A autora, 2025.

A contraposição entre Laura e Carlota evidencia duas formas de lidar com a subjetividade feminina: a primeira, moldada por um ideal inatingível e religioso de perfeição; a segunda, ancorada na aceitação das próprias imperfeições. Nesse contraste, Carlota, mesmo imperfeita, preserva uma identidade mais humana, enquanto Laura caminha para a anulação de si mesma em nome de um ideal:

Sim, se na hora desse jeito e ela tivesse coragem, era assim mesmo que diria. Como é mesmo que diria? precisava não esquecer: diria – Oh não! etc. E Carlota se surpreenderia com a delicadeza de sentimentos de Laura, ninguém imaginaria que Laura tivesse também suas ideiazinhas (Lispector, 1988, p.23).

Sua conduta, quase imaculada, parece mais uma tentativa de se tornar digna aos olhos dos outros do que um reflexo de sanidade real. Assim, o discurso religioso presente na narrativa se revela por meio da simbologia e da atitude da

personagem, cuja vida parece ser regida por uma ética da imitação não só de Cristo, mas também de um ideal de beleza, ordem e submissão.

Esse esforço de Laura em aparentar serenidade e equilíbrio, mesmo diante do caos interno, revela uma tentativa de controle que pode ser interpretada como uma forma de penitência moderna, silenciosa e subjetiva. Ademais, a disciplina dos sentimentos, o silenciamento das dores e a busca por uma conduta idealizada aproximam-se de uma espiritualidade não verbalizada, mas sentida no corpo e nos gestos, conforme Kempis (2009, p. 46): “Mais fácil é calar de todo, do que não tropeçar em alguma palavra. Mais fácil é ficar oculto em casa, que fora dela ter a necessária cautela.”

Dessa forma, a postura de Laura evidencia não apenas um esforço pessoal de autocontrole, mas também uma vivência interior profundamente marcada por uma espiritualidade implícita, quase ascética, que se manifesta na contenção emocional e na busca de um ideal ético e comportamental. Visto que ao silenciar suas dores e disciplinar seus sentimentos, ela transforma sua existência em uma espécie de liturgia cotidiana, onde cada gesto carrega o peso de um sacrifício íntimo e silencioso.

5 CONCLUSÃO

A análise semiótica do conto “A Imitação da Rosa”, de Clarice Lispector, permitiu a identificação de estratégias discursivas que constroem a identidade feminina da protagonista Laura, marcada por tensões entre liberdade, opressão e busca de sentido existencial. Ao lançar mão dos pressupostos da Semiótica Discursiva, especialmente por meio dos conceitos de percurso gerativo, enunciação, modalizações e valores eufóricos/disfóricos, foi possível evidenciar como os discursos sociais, familiares e religiosos condicionam a constituição do sujeito feminino na narrativa.

A personagem Laura é construída em um cenário simbólico de normas sociais rígidas e expectativas idealizadas de comportamento feminino. Embora tenha passado por um período de reclusão, possivelmente decorrente de uma crise psíquica, seu retorno à vida cotidiana é marcado por uma tentativa constante de demonstrar equilíbrio e perfeição, aspectos que refletem a internalização dos valores dominantes. A rosa que dá título ao conto, longe de ser apenas um elemento estético ou decorativo, assume uma dimensão simbólica profunda, representando pureza, idealização e, ao mesmo tempo, fragilidade. Imitar a rosa, nesse contexto, é imitar um modelo de existência que pressupõe abnegação, silêncio e invisibilidade — aspectos associados à identidade feminina tradicional.

A intertextualidade com a obra *A Imitação de Cristo*, de Tomás de Kempis, aprofunda essa dimensão simbólica ao inserir na narrativa os ideais cristãos de renúncia, sacrifício e submissão. Laura é permeada por esses valores, o que se revela em suas atitudes, silêncios e na busca por uma forma de viver que anule o conflito, mesmo que isso signifique anular a si mesma. O discurso religioso, embora implicitamente, atua como um destinador que orienta e regula o comportamento da personagem, influenciando seu percurso de vida e suas decisões.

A abordagem semiótica permitiu identificar que o percurso de Laura é composto por diferentes fases de manipulação, competência e performance, em que os sujeitos do fazer (como o marido, a amiga Carlota e os valores sociais e religiosos) agem como instâncias que condicionam sua trajetória. A modalização do dever e do saber, presentes nas interações e nas lembranças evocadas pela personagem, evidenciam uma tentativa de ajustar-se às normas e expectativas

alheias, o que intensifica seu sofrimento e revela o impasse entre ser para si e ser para o outro.

Dessa forma, “A Imitação da Rosa” configura-se como uma narrativa que, sob a aparente simplicidade, revela um discurso profundo sobre as formas de constituição subjetiva da mulher em uma sociedade marcada por valores conservadores e patriarcais. Clarice Lispector, por meio de uma linguagem sensorial e não linear, propõe uma reflexão sobre a opressão velada e sobre os mecanismos simbólicos que constroem e limitam a identidade feminina.

Ao integrar os aportes teóricos de autores como Barros (2005); Fiorin (1996, 1998, 2007, 2008, 2018); Floch (2001) e Greimas (1975), este trabalho buscou iluminar os caminhos do sentido presentes na narrativa e destacar como os elementos discursivos constroem um sujeito dividido entre a obediência às normas e o desejo de autonomia. A trajetória de Laura, repleta de ambiguidades e tensões, é também um retrato da condição feminina diante das imposições sociais e religiosas, evidenciando que a identidade não é um dado fixo, mas um processo em constante negociação.

Por fim, esta pesquisa pretende contribuir para os estudos literários e semióticos ao demonstrar que a literatura de Clarice Lispector, além de esteticamente refinada, é profundamente crítica e comprometida com uma reflexão sobre a subjetividade, o corpo e o lugar da mulher no mundo. A análise da constituição discursiva da personagem Laura permite não apenas compreender a complexidade da narrativa, mas também refletir sobre os modos como o discurso molda e regula as experiências humanas, em especial no que se refere à condição feminina e à luta por liberdade e reconhecimento.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Graça Aranha: biografia. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/graca-aranha/biografia>. Acesso em: 28 abr. 2025.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria Semiótica do Texto*. 4.ed. São Paulo: Editora Ática, 2005.

BERTRAND, D. *Caminhos da semiótica literária*. Tradução Grupo CASA. Bauru: EDUSC, 2003.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Trad. de Maria Helena Küh-ner. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CORTÁZAR, Julio. Valise do cronópio. Trad. Davi Arriguci Jr. & João Alexandre Barbosa. São Paulo. Perspectiva, 1993, p. 147-163.

DE KEMPIS, Tomás. *A Imitação de Cristo*. Tradução de José Jacinto Ferreira de Faria. Porto: Lello & Irmão, 2014. p. 25.

DE OLIVEIRA, Andressa Serena. *Barbarella, Feiticeira e Jeannie é um gênio: A representação da mulher nos anos 60-70*. Tese de Doutorado. CENTRO UNIVERSITÁRIO DAS FACULDADES METROPOLITANAS UNIDAS.

DINIZ, Diego. *Entre Apolo e Dioniso: O pathos da tentação em 'A imitação da rosa'*, de Clarice Lispector. Palimpsesto, v. 16, p. 2-17, 2013.

FIORIN, José Luiz. *Astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. 1996.

FIORIN, José Luiz. *Em busca do sentido: estudos discursivos*. São Paulo: Contexto, 2008.

FIORIN, J. L. *Linguagem e ideologia*. 6. ed. São Paulo: Editora Ática, 1998.

FIORIN, José Luiz. O sujeito na semiótica narrativa e discursiva. *Todas as Letras-Revista de Língua e Literatura*, v. 9, n. 1, 2007.

FLOCH, J-M. *Alguns conceitos fundamentais em Semiótica Geral*. Centro de pesquisas sociossemióticas. São Paulo, 2001.

GIL, A. C. *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. p. 19.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Imperativos do ser mulher. *Motriz Revista de Educação Física*, p. 40-42, 1999.

GREIMAS, Algirdas Julien. *Sobre o sentido: ensaios semióticos*. Petrópolis: Vozes, 1975.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

HELENA, Lúcia. Nem musa, nem medusa: itinerários da escrita em Clarice Lispector. Niterói: EDUFF, 1997.

LISPECTOR, C. *Laços de Família*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.

MOREIRA MARCOS, Cristina. A escrita da voz em Clarice Lispector: da escrita ao objeto. *Psicanálise & Barroco em Revista*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 89–102, 2015.

MORENO, Rachel. *A beleza impossível: mulher, mídia e consumo*. Editora Ágora, 2008.

MOSER, B. Clarice. São Paulo: Cia. das Letras, 2017. 554p.

PICCHIO, Luciana Stegagno. Epifania de Clarice. *Remate de males*, v. 9, p. 17-20, 1989.

PRIORE, Mary Del. *Biografia: quando o indivíduo encontra a história*. Topoi (Rio de Janeiro), v. 10, n. 19, p. 7-16, 2009.

SEGATO, Maiara Cristina; COQUEIRO, Wilma Santos. A IDENTIDADE EXISTENCIAL FEMININA NO CONTO “A IMITAÇÃO DA ROSA” DE CLARICE LISPECTOR. *Revista InterteXto*, v. 5, n. 1, 2012.

SEVERINO, A. J. *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo: Editora Cortez, 2013. p. 129.